

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

A Rainha das batatas

Uma figura do Caes Sodré — Uma soberana caprichosa — As varias realzas da democracia — A exploração e a impunidade — Capriches magestáticos

Curvada sobre umas grandes sacas nas quais pontarolava um fio grosso, com um agulhão rijo de embastar, a mulher das batatas, que toda a praça da Ribeira conhece, ia chalaceando com os factores do caminho de ferro do Estoril que assistiam à sua ultima demão na remessa da mercadoria.

Desacoxara-se, e, com o seu busto alto, o penteado bem preso por travessões caros, fizera um ultimo gesto, dissera uma facecia e dispuzera-se a partir.

Então, nós, todos os humildes que compramos batatas a olhámos e não calámos o pasmo. Ela estava vestida de seda — creiam que não é exagero — duma seda aos quadradinhos farfalhante e luzidia; trazia enrolado ao pescoço, em três voltas, como uma gargantilha de guerreira, um cordão grosso, de cadeia forte, e pendia-lhe sobre o peito alto uma medalha de oiro estrelada como um sol; moedas antigas satelitisavam este astro pomposo, bamboleante e lusente sobre a apoiadura da femea, e das orelhas pendiam-lhe brincos de libras. Nos pulsos usava ainda oiro e, risonha, alegre, com o aspecto forte de colareja, excelentemente instalada na vida, empoleirava-se sobre os bicos dos seus sapatos de camurça cinzenta a condizerem com a setinea meia da mesma cor.

Não era dia de romaria, nem domingo, mas uma banal terça feira de

trabalho e aparecia assim, rindo com satisfação, de olhos brilhantes para todos os que assomavam por detraz das vidraças das carruagens, aos da primeira classe pensativos, aos da segunda timoratos, aos da terceira de mau humor evidente e no abrir de seus labios e no fulgor de seus olhos havia a nota clara de um desdenhoso pensamento para os circunstantes.

A mulher lembrou-me uma dessas rainhas da Madagascar antigo, Ema ou Ranavalo, que paramentadas como ídolos, só viviam para o belo prazer de explorar e vexar os subditos coroados sobre a terra para que elas pairassem num ceu.

Aquela colareja era dessa especie; uma soberana absoluta tambem: a rainha das batatas. Todos nós e aquela população que labutava na cidade, em cujas janelas o sol da tarde decadente espirrava as ultimas scintilações, eramos seus vassallos.

A sua frente de Ceres de ferro velho, esmorecia ou animava-se conforme as batatas desciam ou subiam nos mercados e ela só sabia fazer contas no sentido do preço de cada um dos tuberculos o que representava mais uns cordões, mais umas libras, mais uns colares ou umas pulseiras para a enfeitar, causando o deslumbramento da praça e suas adjacencias, a possibilidade de mais um dinheiro no Monte-pio e servir ao seu jogo de Bolsa porque — embora lhes pareça uma mentira — a maioria desses comerciantes da Ribeira, Figueira e mesmo os que teem logares por essas avenidas, ruas e até alguns dos ambulantes negoceiam em altas e baixas de fundos. Se os cambistas quizessem responder a um inquerito, e bem assim alguns banqueiros, ver-se-iam como são bastos os seus clientes desta especie.

Aquela mulher, com seus paramentos, era uma das muitas vende-deiras que tornam horrivel a vida da classe media. São como as moscas venenosas vindas do povo para a escala burgueza a imitarem os grandes exploradores do alto negocio, da banca, das companhias que nos arruinam; são as candidatas à fortuna tão mal ganha como a dos ladrões e devem enfileirar, na hora da justiça, no mesmo banco dos reus onde se assentarem os já conhecidos e apontados chupadores do sangue dos que produzem.

Para aquela provinciana — porque é uma minhota ou uma beirôa — a cidade é o campo vasto da sua faina e quando a vi curvada sobre as sacas das batatas volumosas, ao longo do caes, tive, após estas reflexões, a sensação de que era uma das rebuscadoras de cadaveres nos plainos das batalhas, uma ladra que por cada movimento feito gerava uma dôr.

O seu agulhão rijo e de aço, que ia cosendo a serapilheira, parecia picar-nos e ela sorria.

Essa creatura, que eu não inventei, que existe, e pode ser vista em sua tarefa, galga para a fortuna à custa das nossas infelicidades. Ela e

outras semelhantes, com os proprietários dos armazéns, deixam apodrecer os gêneros para não haver fartura, preferem perde-los a venderem-nos baratos e assim como os da pesca arrojam ao mar o peixe, afim de causarem a carestia, do mesmo modo estas vendedeiras procedem em nome da sua ganancia.

E tudo para quê? Para o goso dos seus cordões, dos seus anéis, dos seus ruge-ruge de sêdas enquanto fazem a tarefa, mostrando ás freguezas modestas a sua superioridade, a realeza incontestada de quem vende sobre quem compra.

Antigamente, quando uma colareja enriquecia, citava-se anos a fio como uma filha da sorte e o nome da Vicencia, da Praça da Figueira, passou como o hino triunfal da gente da praça guindada até à burguezia.

Os rebentos dessa mulher de trabalho e de audacia nem sequer souberam onde era o *logar* da antepassada, a sua banquêta de vendedeira no mercado, e se alguma vez dela falaram seria para recordarem uma visita realenga que recebera, a do imperador do Brazil: A soberania do direito divino em casa da soberana das damas do mercado lisboeta, ali, sob os seus cachos de bananas, diante das rumas perfumadas dos seus pêcegos penugentos e córados, das maçãs camoezas tinturadas de vermelho, como rosetas de velhas sécias, e dos morangos odoríferos em seus cabazes saloios.

A Vicencia foi um simbolo e foi um incentivo mas ao deixar a classe liquidou-se a realeza na praça.

Agora, é que realmente surgiram as vastas soberanias; não se ceibem em suas guerras nem em suas pilhagens e desfalcando os pobres e os remediados, tripudiando sobre os ricos, teem caprichos de tiranas diante dos miseros compradores.

Se acordaram de mau humor, se não ganharam na Bolsa, se doe um dente aos seus filhos decretam a alta e muitas vezes, fartas de ganhar, querendo a humilhação dos que não estão ali, sob os toldos, a vender, sobretudo a das senhoras, que vão ás suas compras, expelem ditos, conceitos, desdens de verdadeiras rainhas absolutas a esmagarem as plebes nos degraus de seus tronos.

— Ah! sim... Largue... Largue... Isto é fino de mais para os seus dentes...

Um vendedor ambulante, vi eu, ha tempo, na rua Tomaz Ribeiro, atraz do burro, gritando o preço de sua mercadoria e cambaleando. Espicaçava o animal que cafu. As batatas rolaram pelas valetas e passeios e pegando-se duma furia, o vendilhão, vá de calcar, feroz e implacavelmente, os tuberculos que rolavam, bamboleando-se e clamando a quem o queria ouvir:

— Amanhã estão mais caras... mais caras... Ha de ser como eu quizer...

Tudo isto porque um gerico, batido furiosamente, escouceara e espalhara o conteudo dos seus ceirões.

• Veja-se a que está sujeita a bolsa dos que trabalham numa cidade onde ninguem vela pelo consumidor. O povo declara que já não ha reis; rejubila com a democracia, abusa do que julga ser a sua liberdade e no entanto vive entre a bigorna desta turba dos seus exploradores de baixo e o camartelo dos dominadores do alto.

É certo que não tem mais um rei de direito divino mas, em compensação, é o escravo, é o animal de carga destas novas realezas que só podem existir no que se convencionou chamar republica num país de absolutistas.

As magestades foram pela barra fóra; quem governa a patria, com outros, são as rainhas das batatas.

Sobre uma critica da "Batalha"

Os meus pensamentos sobre a questão social
— O que sou e o que desejo — As minhas ambi-
ções — Os meus amigos da aristocracia — A ori-
gem dos meus proventos

O *Suplemento Literario da Batalha*, apreciando o meu ultimo livro *O Marquês de Pombal pupilo dos jesuitas*, dirige-me palavras de imerecido louvor, e, marcando, um pouco, a minha psicologia de combativo, acha que devia atravessar a barreira que nos separa e ir batêr-me para a sua barricada.

Sempre julguei que no sindicalismo cabiam todas as crenças e opiniões politicas, e, eu, trabalhador e revoltado, jámais deixei de estar ao lado dos produtores. Difiro deles — da maioria deles — em querer a transformação do sistema politico, em não aceitar a republica na sua expressão desorganizadora, em ferir, rude e implacavelmente, os seus processos e em sentir que a tal suposta democracia não passa duma autentica burla.

É ela — os camaradas da C. G. T. bem o sabem — a mãe da infame plutocracia que eu hoje golpeio tanto como ao estado seu engendrador^s

De resto a obra literaria que preparo, a par das memorias sobre o acontecimentos politicos, desde o *D. Manuel II* até ao *João Franco e o seu tempo*, é uma serie de livros que, entremeados pelas novelas em que só pinto, intuitivamente, revoltados, terá o seu lugar na biblioteca dos inimigos do estado actual da sociedade.

Será toda movida em tórno de titulos como estes: *A Alta Banca*, *A Arcada*, *Saturno*, *jornal do povo*, etc. e nas suas paginas aparecerão os homens de negocio, em suas vidas gananciosas, os politicos em suas aventuras porcas, os empresarios de certa imprensa devorando o publico e os ingenuos que se lhes entregam com um ideal na mente.

Neste ponto da batalha, nesta acção da peleja estamos de acôrdo eu

e os homens que tantas amabilidades me dirigem; no ataque aos exploradores também.

Resta a questão política sobre a qual hei de fazer mais largas considerações, porque se este artigo nasceu para agradecer as gentilezas da *Batalha*, a explicar-lhe parte dos meus propositos, fóra do campo da doutrina monarquica, tem também outro fim e outra origem embora secundaria.

O critico literario resvalou um tudo nada ao tratar da minha crença politica, não admitindo que dentro das fileiras realistas haja quem deseje o aniquilamento dos factores sociais que geram as desditas. Eu não tenho feito outra cousa e em breve, talvez, aparecerá um grupo de homens da mesma fé, combatendo à larga e sem um recúo o infame mundo dos negocios. Soldados vencidos duma Causa, muitos deles continuam sendo derrotados na existencia ante os plutocratas que arrancham com os republicanos, visto serem estes os detentores do poder que lhes permite a ganhuça.

Dizia-se ainda na *Batalha* — e esse é um dos pontos em que desejo insistir — que para mim seria mais proveitoso estar onde estou do que na sua trincheira, e, como não desejo que os leitores do órgão do proletariado e outros individuos me julguem abastado ou devedor de favores aos ricos do meu partido, é necessario que eu explique — já, numa pressa — quais os meus bens e origem de meus proventos.

Levanto-me às 7 horas da manhã e trabalho 4 horas a fio na minha obra literaria; dou ao «ABC» a parte da tarde, regresso a casa e tenho mais algumas horas de lida em relação ao jornal. Reservo os sabados e os domingos para escrever este panfleto e não me recordo ter estado um só dia, desde ha cinco anos para cá, sem levar esta vida. Anteriormente fazia quasi o mesmo. E, no entanto, não sou proprietario da casa onde resido, nem possuo um rendimento que me garanta a existencia se amanhã não puder trabalhar. Jámais recebi um subsidio de qualquer mão, tampouco recorri à munificencia dos abastados; quasi não tenho relações com os grandes ricos do meu partido, não sou convidado para as suas festas nem para as suas mesas, porque não pertenço ao que se conventionou chamar: a *sociedade*, a qual é um salão onde cabe gente de todas as politicas desde que tenha casaca e subserviencia.

Alguns amigos, e grandes, conto nesses meios, é certo que me tratam com affecto e me chamam para as suas relações. São poucos e não pertencem ao reacionarismo extremo nem se curvam diante de ninguem. Entre eles estão o conde de Arrochela — um grande fidalgo e um homem de bem —; o conde de Mafra, um gentilhomem e um amigo dos humildes; seu genro, o dedicado e bondoso Pinto da Cunha; e, na provincia, Sucena, Agueda, Azevedo, todos titulares, o conselheiro Luís Ferreira e o dr. Francisco Teixeira de Assis (Felgueiras). Indagar do que pensam

estes homens, profundar as suas consciencias, é encontrar inimigos dos exploradores.

Quando visto a minha casaca não envergo a menor mesura ridicula nem me forro de transigencias, e sempre encontro nessas residencias, onde me sinto bem, o contrário do que no povo se imagina pensarem as familias da aristocracia. Não houve nem ha em Portugal senão fidalguia, a do nascimento e a da inteligencia, e povo.

Viveram na sua labuta nos mares e nas conquistas, capitães e soldados, mais tarde, na decadencia, lidando os toiros. Entre estas duas classes ensaduichou-se a lama: a burguesia exploradora, o mercante, aqueles a quem D. João da Camara chamava *agiotas*, fôssern banqueiros ou vendedores de retroz por grosso.

E eis a minha vida, eis os meus proventos, eis a minha ferramenta. Uma saude razoavel, uma tarefa de 12 horas diarias, uma altivez de pobre que conta os tostões que ganha, como um operario, e uma caneta que me faz criar calos nos dedos, apesar de ser forrada de caoutchouc.

Já se vê que a parte errada do artigo da *Batalha*, a de ser mais proveitoso estar neste campo, fica assim rebatida e esclarecida desde que, honradamente, confesso quais são as origens dos meus parques proventos, de resto conhecidos pelos que são, no jornal proletario, os meus camaradas de dôres e de profissão, aos quais me confesso agradecido.

Uma promessa de 1000 contos

O bastidor das concessões — Os ministros e os especuladores — Um gesto de bem fazer — As luvas de alguns influentes — A corrupção e o dolo

Apareceu ha pouco um jornal dum grupo republicano *O Libertador*, que o sr. Martins Junior fundou para defeza de suas ideas as quaes são de combate á balburdante *Kermesse* de lama que para aí se ostenta numa feroz ganancia e num reles impudor.

Nesse semanario vem a seguinte declaração que arquivo como um sintoma da vida nacional e do gesto dum homem que devia perguntar a si proprio, quando lhe fizeram a oferta, quantos outros na sua situação, não terão embolsado a pecunia, a gorgeta, a pitança.

«Um politico solicitou-me um dia para ir junto de certo ministro pedir a sua boa vontade no sentido de serem recebidas por intermedio das indemnisações alemãs, maquinas e coisas varias, etc. A minha comissão seria de mil contos. Aceitei. A seguir, escrevi uma carta em que declarava que aquele dinheiro seria entregue á assistencia de Lisboa.

Lacrei a carta e fil-a assinar nas costas do envelope, por 2 republicanos da freguezia de Monte Pedral. Essa carta, tem estado depositada na mão de um advogado illustre, até que o caso seja resolvido.

Ora eu sei, que do negocio apresentado pelo politico, só parte foi aprovado; a outra parte não teve o ministro respectivo tempo de o apreciar ou aprovar.

Mas a parte aprovada, foi-o por todas as instancias, pela comissão de reparações etc., etc.

Chamei ha dias o politico, e ponderei-lhe a necessidade que tinha de saber do estado da questão; visto que, como lealmente lhe afirmara, o minha comissão de 500 contos, era destinada á assistencia — Elle não ignorava isso, — PORTANTO DESEJAVA SABER DO ESTADO DA QUESTÃO.

O politico respondeu que tudo estava parado; visto que a Alemanha se negava a entregar as reparações, etc.; mas que logo que as maquinas fossem entregues, a comissão de 500 contos me seria dada. Povo! é o que ofereço aos filhos daqueles que a assistencia ampara.

E faço isto, por dois motivos: Primeiro, porque seria um grande exemplo moral se os politicos o imitassem; segundo, porque quero

estar sempre fiel ás doutrinas que defendo. Já Lésseps dizia: OS CÃES LADRAM, MAS A CARAVANA PASSA».

Este republicano oferece os 500 contos da sua comissão á Assistencia de Lisboa, comprovando, com a sua deliberação, uma anciedade de fazer bem e justiça, mas deixa-nos a certeza de que nem todos assim procedem e que no estado actual se fazem favores remunerados por grossas quantias.

Um politico que oferece 1000 contos de *bonus* a um influente deve ganhar milhões. Um ministro que não despacha, senão á força de empenhos, está traíndo a sua missão de dirigente.

Das duas uma: ou era justa a importação das maquinas e não se carecia de pedidos ou não o era e, neste caso, mancha-se a pureza dos principios desde que a permitem.

Isto, porem, é apenas uma nota que não desejava deixar de ferir porque o corolario a tirar da ação do chefe dos *Libertadores*, sendo o mais honroso para elle, é o mais condenatorio para quem lhe fez a proposta e ao mesmo tempo, a comprovação de que varios individuos devem ter recebido e guardado «para sua assistencia particular» o que o sr. Martins Junior á Assistencia Publica destina.

Os bastidores de todos esses negocios, sobretudo os que se fizeram durante a guerra, nos quaes entraram os politicos do regimen, desde o da *Furness*, de que não ficou um só documento a legitimar a operação, até aos fornecimentos destinados ás tropas, e que geraram fortunas, eis um assunto que deve constituir um capitulo interessantissimo da vida dos que, dizendo-se republicanos, magnificas gorgetas teem recolhido e esplendidas situações teem alcançado.

Essa obra de pôr a claro tudo quanto se ganhou nesse sentido é que devia ser tarefa para os *Libertadores* tomarem a seu cargo com o inquerito simplista feito ás fortunas acumuladas ou realisadas depois da guerra e iniciadas no seu periodo.

As provas moraes e materiaes de que se fazem ofertas pingues para se obterem concessões, ninguem melhor do que o sr. Martins Junior as possui, pois que até as revela, mas é preciso abolir-se as que devem existir em relação aos outros que não procedem como elle procedeu. Naturalmente em vez de fazerem escrituras em que se comprometam a dar ao povo aquilo que lhe extorquiram por outros processos a maioria dos republicanos influentes fa-las doutro genero e, no receio que acabe depressa o regabofe são muito capazes de mandarem para o estrangeiro os seus proventos afim de não lhes estranharem em Portugal o luxo e o salto brusco da mediania para a grande abastança.

Quantos 1000 contos de luvas não terão sido distribuidos? E' o que nos chega aos labios, numa exclamação, ante as revelações sensacionaes desse republicano que assim responde á corrupção dos seus correligionarios.

A comissão da carestia da vida

O grito dos explorados — O castigo das subordinações — Uma revolta que só vem do povo — O crime da classe média — A santa voz da mulher

«Não tenham medo, seus cobardes, por causa da vossa cobardia é que chegamos a este estado!»

No dia da manifestação para se tratar da carestia da vida uma mulher falou deste modo à turba que ia a fugir diante da guarda.

Aquela mulher não era a furia da revolução; era a voz dos lares.

O que as esposas e as mães — as donas de casa — nos segredam diariamente gerando as rugas das nossas fronteiras, aquelas queixas relativas ao aumento diário dos preços dos viveres é como um incitamento a que nos revoltemos. Comodistamente o homem — o portuguezinho, sobretudo — ouve-as e, ou vai pedir mais dinheiro ao patrão — o que pode pedir — ou começa a comprar cautelas quando não acredita num milagre. O que elas querem dizer é, todavia, simples.

— «Olha que te esfalias a trabalhar, lidas de manhã à noite na tua oficina, no teu escritório, à tua banca de trabalho e por mais que labutes jámais te chegará o salario, o ordenado, o provento de teu lidar porque ha uns outros — as sanguessugas do teu labor — que são peores do que bandidos acoutados nas esquinas para te assaltar enquanto êles tranquilamente enriquecem, formam companhias que empandeiram, roubando os acionistas e acumulando o dinheiro no estrangeiro! Não sei se já reparaste que todos os dias te peço mais? Que fazer? Se não me chega...!»

Quando uma mulher diz: que fazer?! o homem, geralmente, puxa uma fumaça ao cigarro, coça a cabeça e não responde. Tem o ar resignado de um animal que nasceu para se submeter. E senão, vejamos. Quem ia outro dia naquela manifestação? Os trabalhadores manuaes, apenas; alguns soldados, alguns marinheiros e seus sargentos.

Os caixeiros não exigiram dos patrões que fechassem as portas, os empregados bancarios conservaram-se ás suas secretarias, os advogados, os engenheiros, os medicos limitaram-se a vêr passar a onda humana e, no dia seguinte, pegando no jornal, esqueceram a grande lição recebida dessa gente que defende os seus interesses e tem o direito de falar alto. Quem não combate, neste momento, é um inutil; é um ser insexuado que merece o desprezo das mulheres; perdeu a noção das suas reivindicações, caiu na cloaca como um Heliogabalo coberto de vergonhas e de detritos.

Agora mesmo, na hora em que traço estas observações à margem da ignobil cobardia nacional, acabo de lêr o que o comissario dos abastecimentos disse a um jornalista. Não haverá barateamento dos generos: as massas aumentarão um tostão em kilo, o vinho meio tostão, o sabão um tostão. Quem o disse ao comissario dos abastecimentos que jamais poderá ser um arbitro? «A Companhia já me comunicou — declarou ele — que estes generos iam sofrer aumento». A Companhia? Que Companhia? A da moagem; a do sabão. A Aliança, a Portugal e Colonias, a União Fabril, isto é as comanditas da exploração popular. Toda a gente sabe que os dirigentes destas casas tem palacios esplendidos, soberbos automoveis, maravilhas a rodea-los. Um dia hei-de fazer-lhes as biografias na hora amarga em que me falarem de novos aumentos embora na voz doce que as mulheres da burguezia usam mesmo quando se admiram de nossa subordinação aos regulos do negocio. E depois disto, hei-de recordar, embora tenha que o escrever nas paredes desta cidade que só sabe tratar de politica, o grito solto pela mulher do povo diante da turba que a guarda ia acossar:

— «Não tenham medo seus cobardas, por causa da vossa cobardia é que chegamos a este estado.»

*

Que a guarda ia acossar, disse eu. Todavia, talvez esteja fazendo afirmações muito no ar. Eu não sei se os soldados farão fogo contra uma massa que protesta contra as explorações; eu ignoro se a policia, que anda a morrer de fome, disparará as suas pistolas sobre uma multidão sua irmã no sofrimento! Eu se vestisse uma farda colocava-me, como sempre, ao lado do povo e quasi posso assegurar que se amanhã um bando de espoliados aparecer nas ruas soltando o seu brado, na sombra da bandeira da fome, os officiais hão de hesitar muito antes de mandarem os seus homens fuzilar essa legião.

E que fusilem!? O milagre que se espera virá, não saído dum favor celeste mas do esforço colectivo, porque o sangue dos explorados sempre germinou em justiça, por vezes cruel, mas a que é possível fazer.

Não se pode viver sem sobressaltos e sem dôres; os que conduzem os partidos são pessoas bem instaladas na vida. Mesmo vi algumas facções que não querem ser burguesas — não trato do sindicalismo nem do comunismo — surgem individuos sem necessidades materiais, prégando umas revoltas de romance, sendo incapazes de descer à rua, à frente das suas hostes, nos dias das luctas que se avizinham.

Os governos republicanos avançados dão por unica satisfação a todos nós, aos humildes, aos trabalhadores, a noticia de que já se formou uma comissão para tratar do barateamento da vida. Eu fui ler apressadamente os nomes dos seus membros. De certo encontraria os representantes das classes produtoras, os intellectuais, os guarda-livros, os caixeiros de grandes armazens misturados com os lavradores, os banqueiros, os negociantes. Comecei a passar a vista pelos apelidos e só encontrei estas ultimas camadas sociais. As outras tinham-se esquecido. Só lá topei a excepção de dois nomes, os de homens de negocio e mesmo representando a cidade de Lisboa — essa capital onde a turba já lavrou sua sentença — encontrei um associado de diversas firmas ou um seu empregado que não pode ter imparcialidade.

Mas ainda bem que foi assim. Esses homens nomeados correm o

maior dos perigos se não vierem claramente dizer ao povo onde estão os males, donde partem as cousas que nos affligem. Podê-lo-ão fazer? Não. Os que representam o commercio sabem bem que dele vem parte da desdita que nos esmaga; os que são delegados dos maximos capitais não podem dizer a verdade e, no entanto, a Moagem vai participando que aumentará as massas e a União Fabril que porá mais caro o sabão. Sabem porquê? Porque a escrita de lucros desta ultima Companhia é feita em dollars, embora pague aos empregados em escudos.

Os delegados do governo expõem-se a muito. O problema não se enfrenta com subterfugios mas com uma medida radical. Bem sei que os plutocratas possuem tudo, desde a imprensa até aos votos, e os republicanos são seus socios ou seus subditos, na sua maioria, com alguns monarquicos que eu repudio. Bem sei quanto é difficil metê-los na ordem e por isso rio ante esses paliativos em que o povo já não acredita.

O caminho é outro. Se não atacarem de frente os exploradores, serão vitimas, com eles, dos explorados.

Esses estadistas, que andaram comigo na escola, bachareis, professores, militares, ou ensandeceram ou não aprenderam senão a dizer palavras ôcas e dar vivas à republica e ao povo que estão desafiando.

Com que então, comissões? Com que então o commissario dos abastecimentos a deliberar?

Mais do que nunca julgo vêr a turba e ouvir o grito estridente dessa mulher que possuia a voz de todos os lares:

«Não tenham medo, seus cobardes; por causa da vossa cobardia é que chegámos a este estado.»

Ouçam a mulher do povo e obedeçam-lhes desde que o remedio dos governantes é a banalidade, quasi trocista, inserta, ha dias, no *Diario do Governo*.

A Revolução das taboletas

A pressa das merclarias — A lentidão dos deputados — A carestia e os seus sequezes — Os explorados e os seus amos — O futuro igual ao passado

Emquanto, apressadamente, as Juntas de Paroquia clamam por medidas relativas á carestia da vida, numa precipitação de mercieiros alarmados com o possível aniquilamento das suas quitandas, os deputados, os lividos deputados, que ha dias tremiam ante o vosear do povo, deliberam dar-se ferias até 10 de março e irem-se á entrudada. O povo, esse, espera roendo no emblema que os velhos de entrudo arvoram na quadra carnavalesca? O povo lança-se no cumprimento da sua promessa de 22 de fevereiro. Não sei. Estou escrevendo a 14 dias passados da manifestação e não hesito em fase-lo com uma esperança no coração.

Quiz, abertamente, constatar a pressa dos homens das paroquias e o desdem dos deputados. E' que uns estão em contacto directo com a população, os seus taipais abrem para as ruas e os outros só ouvem a multidão, quando a guarda a contém, defendendo, com as baionetas, o limiar do parlamento.

O tendeiro é, por via de regra, da opinião da maioria de seus freguezes e como foi moda e util para a fazenda propria pertencer ao partido democratico, os mercieiros, por essa Lisboa além, afixaram, nas fachadas dos estabelecimentos, as suas opiniões.

Naquela nevoenta e gelada manhã de 8 de dezembro de 1917, antes de abrir o lindo fulgor do sol, que bensia a vitoria de Sidonio Paes, quando alguns soldados se dirigiam para o Matadouro em busca de carne para os camaradas fartos de conservas, viram, na sua frente, naquele luze-luze, uns braços que se moviam atrapalhadamente, um vulto atormentado a saltitar rente de um muro, no meio de uma rua. Aproximaram-se e depararam um homem açodado, pincelando rijamente o titulo da sua loja, que ainda se podia descortinar sob a de mão da tinta:

MERCEARIA 14 DE MAIO, VIVERES POR GROSSO E RETALHO

Uma voz implorativa subiu naquele afogado torvo do dealbar:

— O' meus senhores... Não me façam mal que eu tomei a casa de trespasse e já se chamava assim...

Um oficial desceu; soltou uma gargalhada, mandou distribuir uma ração de *abafado* aos seus subordinados e rodou para o Matadouro a tomar conta das rezes indispensáveis á gula dos combatentes.

Aqui, na rua das Flôres, nas trazeiras do «A B C», havia tambem uma mercearia, que se chamava *Democratica*, e cujo dono, acreditando na imutabilidade dos partidos, mandara gravar numa bela lapide, o titulo grato ao seu coração, mas, de repente, o odio ao demagogo explodiu e a palavra amortalhou-se numa pesada lapide de pês: o seu crepe.

Daí eu não estranhar que dentro em pouco surjam por esses bairros lojas de viveres com designações intermediarias do que póde vir, com marcas de adesão, nestes termos: *A Comuna dos Pobres; Merciaria Sovietica; A Tenda dos Proletarios.*

Será esta a unica maneira de se salvarem e já o compreenderam, porque essa pressa em quererem resolver a questão, comprova que sentem terriveis receios.

Todavia, estes homens, apesar de suas funções praticas, teem imaginação e sabem procurar os escudos que lhes conveem, tanto para as gavetas como para as suas reputações e bens. A salvação agora está em fingir a pressa de barateamento que os deputados não teem, porque na sua merciaria convem-lhe mais o negocio tal qual está.

De futuro, encobertas naqueles titulos e noutros de igual veemencia, eles entrarão no *soviet* da sua rua e continuarão a mesma vida de escamoteação, sob a evccação da Comuna ou do Proletario, que sempre ha de pagar aos que misturam alhos com bugalhos, isto é, o genero alimenticio com a filiação nos partidos vencedores.

A bebedeira colétiva

Uma medida imprudente — O mau estado e o mau vinho — Ao acabar da embriaguez — O racionamento e o resto — Uma medida para as medidas

O governo acaba de dar o peor passo que jamais se deu em Portugal. Fechou as tabernas ás 9 horas da noite; reduziu os *clubs* populares; desembebedou ou pretendeu desembriagar o país que nunca sentiu tendencias para a agua mesmo quando sobre ela navegava nos caminhos misteriosos das descobertas.

De treze anos a esta parte que se vive num encadeamento de embriaguez. Todos os aplausos, todas as idolatrias, todas as loucuras, todos os alçamentos dos homens politicos não teem sido mais do que a continuação dessa patuscada em que o vinho tem o principal logar.

Contava-me o *Pad Zé* que um dia, tendo que denfiender um bebado na Boa Hora, se serviu dos seguintes argumentos para provar a innocencia do cliente:

«Diga-me, senhora testemunha, o reu caía, e vomitava, arrumava-se ás paredes?

— Não, senhor doutor! . . .

— Dava vivas ao dr. Afonso Costa?

— Tambem não . . .

— Oh! então não estava bebado . . . ! »

O turbulento e agitado republicano, que era o Alberto Costa, *Pad Zé*, mal imaginava a grande verdade, o axioma que trazia para a vida nacional.

Toda essa eferverscencia dos comicios, essa tendencia para o balandrau, a doidice da Carbonaria, a filiação nos partidos, as grandes festas aos idolos, o constante estado de pasmo ou de loucura, em que o povo português mergulhou não é senão filha duma grande bebedeira colétiva.

Aumentam os generos, sóbe a libra, a vida torna-se um horror, os espertos enriquecem, os honrados morrem de fome, assassinam-se os bons e deixam-se os maus no triunfo e o povo, sempre ébrio, deixa passar, esquece, manda vir mais meio litro.

E' que já o avô bebera à larga, furiosamente, gosara do bom sumo da uva, amara-o e pela alegria que êle lhe emprestara esquecera os males de sua vida.

O neto alucinou-se. A republica meteu-o num tonel e deixou-o a

emborcar como um suicida. Sem pão mas com vinho ele tem aguentado esta situação. Não acordava jamais; tinha para todas as infamias um riso alegre, e na sua alma morava o ótimismo do embriagado nas suas horas de maior doçura.

Sim, porque mesmo não se compreende que se tenha chegado a este ponto estando toda a gente em seu juízo. É a bebedeira que preside aos destinos nacionais. O país cambaleia mas ninguém dá por isso porque toda a gente lhe segue o exemplo.

Não ha um português que se possa considerar em seu juízo desde que assistiu a esta bambochata sem a vêr senão esfumaçada no fumo das grandes piegas.

Deixar viver esse povo de tal modo, era, mais do que uma razão tradicional, uma razão de alta politica. De repente fecham-lhe as tabernas, entregam-no à reflexão. Quando ele se desembebedar e vir o espectáculo com serenidade perguntará a si proprio se é verdade o que lhe puzeram diante. Reflexionará; meditará, alucinar-se-ha? Terá, então, vergonha de si proprio, do estado em que andou tanto tempo, cambaleando e dando vivas.

Se eu tivesse duvidas ácerca do fraco valor politico dos governantes bastava-me esta medida virada do avesso para o avaliar.

Esta gente ensandeceu. Pois tem um bebado a pagar-lhe o vinho e fecha-lhe a taberna? Das duas uma: ou o governo quer para si todas as pipas ou julga que o povo já está tão enfraquecido pelas carraspanas que continuará sempre a vêr os ministros como se cada um representasse dois.

ROCHA MARTINS

O MARQUEZ DE POMBAL
PUPILO DOS JESUITAS

Sensacionais revelações sobre as relações
do ministro de D. José com os homens da
Companhia de Jesus